

RAUL SEIXAS

UMA ALTERNATIVA CONTRA A CULTURA MILITAR

Isaías Menezes Pereira
Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: isaiasrk@hotmail.com

Palavras-chave: Raul Seixas. Ditadura. Sociedade Alternativa.

Ao pesquisar a vida e obra do compositor, cantor, escritor e, ironicamente como ele mesmo se denominou, “ator” baiano Raul Santos Seixas (1945-1989) a princípio pode-se chegar a uma conclusão simples e óbvia: a coerência das suas atitudes diante dos seus aforismos. Todos os conceitos trabalhados em sua obra formam um modo de vida ao qual ele mesmo batizou de Raulseixismo, única *filosofia* que seguiu fielmente do início ao fim da sua carreira.

O que vem a ser finalmente o Raulseixismo e a Sociedade Alternativa? Mais uma Utopia? Alternativa a quê e para quem? Porque Raul não se envolveu em nenhum movimento como os outros artistas da sua época? Quais os impactos que essa ousada filosofia causou nos cidadãos, na política, na música, na cultura brasileira? Qual o espírito que pairava naquele tempo? Para responder a essas questões farei uma rápida abordagem biográfica de Raul Seixas, tecida a partir das influências musicais e filosóficas que marcaram a sua trajetória.

Fruto de uma tradicional família de classe média de Salvador, Raul nasce no dia 28 de junho de 1945. Filho de Maria Eugênia e do engenheiro Raul Varella Seixas, que desde os sete anos lia para o filho livros filosóficos metafísicos. Mais tarde, Raul nos revelaria a precocidade da sua relação com a filosofia, num comentário em *As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor*: “Eu já passei por todas as religiões, filosofias, políticas e lutas. Aos 11 anos de idade eu já desconfiava da verdade absoluta” (SEIXAS, 1974, faixa 3).

A origem do que as esquerdas iriam chamar, em Raul, de “alienado americano” se dá depois, pelo fato da sua família ter morado ao lado do consulado americano onde ele conheceu sua primeira esposa, a americana Edith Wisner, com quem teve os primeiros contatos com a cultura musical norte-americana e com um jogo de cartas, *The Magic*, que mais a frente veio a influenciar o seu interesse pelo mundo esotérico da magia. Uma peculiar influencia da contracultura no Brasil foi a introdução de novas perspectivas religiosas,

místicas, esotéricas. E é depois de Paulo Coelho publicar um artigo numa revista sobre discos voadores que Raul entra em contato com ele e se tornam amigos. Para Raul,

Viver é coisa irreal
Uns chamam de magia e é tudo tão normal
Mas tá legal

Tem mágica solta no ar
Faz parte do astral
É isso que a vida tem pra dar
Vem conquistar
O seu lugar (SEIXAS; AZEVEDO, 1977, faixa 8).

Essa fase mística de Raul é o que irá repercutir numa série de especulações públicas relacionando o envolvimento do “maluco beleza” com pactos diabólicos quando o interesse de Raul era justamente quebrar esses dogmas e se firmar a cima, *Para além do bem e do mal*, parafrazeando a máxima obra de Nietzsche (1888).

Edith era filha de um pastor protestante que não aceitava o relacionamento da filha com um roqueiro do ensino médio. Para ganhar respeito com a sua família e a de Edith, Raul terminou o supletivo e passou no vestibular de direito da UFBA, no fim de 1966, ingressando nela no ano seguinte. Segundo Luiz Lima (2007, p. 90), daí vem a lenda de que Raul estudou filosofia. Lenda em parte, porque de fato ele estudou filosofia informalmente como ouvinte. Digamos que estudar leis não era o feitiço predileto de um “maluco beleza”, por isso Raul filava as aulas de direito para assistir as de filosofia com outra turma.

Depois de fingir ser um rapaz de respeito, estudante de direito, para se casar com a filha do pastor, largou o curso e foi tentar a carreira artística. Nas irreverentes palavras de Raul: “Viu como é fácil ser medíocre? Pronto: Casei e já era um homem de bem. Aí comecei um processo radical de profanação de todos os valores e encontrei Raul Seixas como um ser alternativo” (ESSINGER, 2005, p. 193).

Segundo o Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (2004), no sentido restritivo da palavra *Alternativo* diz-se: Que adota uma posição independente em relação a tendências dominantes. Se me perguntam o que é a Sociedade Alternativa a resposta será simplesmente “uma idéia”. Um modo de vida, diferente de uma simples utopia, que na prática trouxe várias tendências alternativas, como na medicina, na alimentação, na religião, na sexualidade, no modo de pensar e viver de muitos seguidores que estavam dentro da “sociedade” e por outros que a sociedade esteve sempre dentro deles sem que estes ao menos soubessem.

O estilo profético de Raul surge dos anúncios de uma nova Era. O que na astronomia chamam de *Era de Aquário*, também é conhecido como *Novo Aeon*, uma nova era que se aproxima e que Raul afirmava que quando este momento chegar, a sociedade irá dispensar os valores atuais, o ouro de tolos. Vejamos mais um verso em *As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*:

Quando eu compus fiz Ouro de Tolo
Uns imbecis me chamaram de profeta do apocalipse
Mas eles só vão entender o que eu falei
No esperado dia do eclipse (SEIXAS, 1974, faixa 3).

O fato de Raul ter morrido na semana de um eclipse faz com que alguns fanáticos pensem que ele realmente estava professando o dia da sua partida. Mera ilusão de uma sociedade que vive em busca de ídolos para glorificar. Particularmente acredito que Raul estava se referindo a essa era que está por vir, a este *Novo Aeon*. Então quais serão os valores predominantes desta Era? *Que Luz é essa*

Que luz é essa que vem vindo lá do céu?
Brilha mais que a luz do sol
É a chave que abre a porta lá do quarto do segredo
Vem mostrar que nunca é tarde
Vem provar que é sempre cedo
E que pra cada pecado sempre existe um perdão
Num tem certo nem errado
Todo mundo tem razão
E que o ponto de vista é que é o ponto da questão!(SEIXAS; AZEVEDO, 1977, faixa 9).

Evidente que este tempo que está por vir não acontecerá da noite para o dia, muito menos depois de um eclipse, menos certeza ainda tenho se perguntado se este tempo realmente virá. E quem verá? O que conluo é que isso não será um acontecimento global, mas sim pessoal. Vejamos o que ele nos traz em dois selecionados versos da canção denominada *Novo Aeon*:

O sol da noite agora está nascendo
Alguma coisa está acontecendo
Não dá no rádio nem está nas bancas de jornais
Em cada dia ou em qualquer lugar
Um larga a fábrica ou outro sai do lar
E até as mulheres ditas escravas
Já não querem servir mais (...)

Querer o meu não é roubar o seu

Pois o que eu quero é só em função de eu
Sociedade alternativa, sociedade novo aeon
É um sapato em cada pé
Direito de ser ateu ou de ter fé
Ter prato entupido de comida que você mais gosta
Ser carregado ou carregar gente nas costas
Direito de ter riso e ter prazer
E até direito de deixar Jesus sofrer (SEIXAS; AZEVEDO; MOTTA, 1975, faixa 13).

Raul é uma alternativa não só contra a Ditadura Militar, mas a todos os órgãos de repressão moral. A sua principal lei é a que abstrai de Aleister Crowley (1994) em *O Livro da Lei*, a qual diz nas canções *Sociedade Alternativa* e *A Lei*: “Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei. O amor é a Lei, mas amor sob vontade” (SEIXAS; COELHO, 1974, faixa 7). Sendo assim, se Jesus quis sofrer e morrer por nós... que seja respeitado seu ato revolucionário. “Eu não sou besta pra tirar onda de herói, sou vacinado, eu sou cawboy, cawboy fora da lei” (SEIXAS; AZEVEDO, 1987, faixa 2). A cima do querer está o respeito.

Raul não se identificou, não conseguia se adequar a nenhum tipo de movimento organizacional. Até a O. T. O. e a *Astrum Argentum*, Sociedades Ocultistas (abordadas mais a frente), grandes responsáveis pelo desenvolvimento místico de Raul não foram capazes de segurá-lo na organização. Raul não aceitava as regras implícitas, muito menos as secretas, por isso foi expulso de ambas por impertinência. Diz a lenda urbana entre os fãs que um dos motivos foi o de Raul ter utilizado a folha de um livro sagrado para confeccionar um cigarro de maconha.

Podemos citar vários fatos que comprovam o estilo individualista de Raul. A começar pelo estilo musical: o *Rock and Roll* altamente recusado no Brasil da década de cinquenta pelas elites e principalmente pela MPB e Bossa Nova que surgiria pouco mais a frente. O contato com Edith, sua primeira esposa, fez com que Raul ouvisse Chuck Berry, Bob Dylan, Led Zeppelin e principalmente Elvis Presley. O que somado ao som de Luiz Gonzaga que ouvia na sua própria casa pelos pais resultou nessa mescla entre *Rock and Roll* e Baião. A questão é que havia uma separação clássica na cidade de Salvador: Raul explica em algumas entrevistas que de fato existia certo conflito entre os roqueiros do Cine Roma e os universitários que freqüentavam o Teatro Vila Velha. Respectivamente: de um lado, os devotos de Elvis Presley, do outro, os discípulos de João Gilberto. É importante lembrar que nessa época, o *Rock and Roll* chega ao Brasil e até Raul, pelos americanos que vinham trabalhar na Petrobras, assim como, antes disso, pelo cinema. Mesmo assim, Raul aponta que era um ritmo subalterno, periférico, “música de empregada”. A bossa nova, por sua vez, era

ouvida pelos universitários e intelectuais. Raul compôs uma série de músicas criticando os que o classificavam como traidor do movimento. Pode-se começar lembrando *Tapanacara*

O "Tapanacara" que eu levei de odara
Odara, menina
Que era filha de Nara
Que era neta.
Prima-Dona de Raul
Menino danado
Lasido rebocado
Procure
Que você vai entender (SEIXAS; AZEVEDO, 1977, faixa 1).

Porém, vejo que a crítica mais dura de Raul à MPB, também contida na canção *As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*, é a seguinte:

Acredite que eu não tenho nada a ver
Com a linha evolutiva da Música Popular Brasileira
A única linha que eu conheço
É a linha de empinar uma bandeira (SEIXAS, 1974, faixa 3).

Pra quem não sabe, *Odara* (VELOSO, 1977, faixa 1) é uma das mais conhecidas composições de Caetano. Na citação seguinte, Raul afirma não ter nada a ver com a Linha Evolutiva da Música Popular Brasileira. Foi numa entrevista de Caetano Veloso concedida ao poeta concretista Augusto de Campos em 1978 para a revista *Boa palavra sobre a música popular* que Caetano ratificou:

Só a retomada da linha evolutiva pode nos dar uma organicidade para selecionar e ter um julgamento de criação [...] João Gilberto para mim é exatamente o momento em que isto aconteceu: a informação da modernidade musical utilizada na recriação, na renovação, no dar-um-passo-à-frente, da música popular brasileira (VELOSO, 1978, p. 63).

Em resposta a todas as críticas de Raul, Caetano Veloso lança *Rock'n'Raul* ao vivo na Concha Acústica do Teatro Castro Alves, na gravação do DVD *Noites do Norte* em 2001 afirmando que “Hoje qualquer Zé Mané/ Qualquer Caetano/ Pode dizer que na Bahia meu Krig-Há Bandolo é puro Ouro de Tolo” (VELOSO, 2001, faixa 15). Com todas as críticas, pode-se resumir essa “guerra” de raulseixistas *versus* tropicalistas e bossanovistas como uma relação de amor e ódio. Já que em várias outras fontes, ambos reconhecem as respectivas qualidades, assim como quem conhece as duas discografias pode perceber que a Bahia exportou duas “bombas” musicais para o planeta.

Provavelmente, o que impediu Raul de se juntar ou se aceitar um artista da MPB foi o caráter político deste movimento já que as siglas, além de representar a Música Popular Brasileira, foi criada numa intenção política como mais um partido. Talvez, pensando nisso e no demasiado crescimento de partidos políticos criados entre a década de 70 e 80, Raul compôs uma grande máxima com uma prática de drible a censura em *Só pra Variar* quando afirmou:

Vou jogar no lixo a dentadura, neném
Vou ficar banguelo numa boa
É que eu vou fundar mais um partido também!
Vou rasgar dinheiro, tocar fogo nele, só prá variar (SEIXAS; AZEVEDO;
SEIXAS, 1980, faixa 9).

Fica implícito o duplo sentido da palavra dentadura representando a ditadura que será jogada fora e o desejo de Raul em lançar mais um partido, que necessariamente não vejo como um partido político, mas sim, filosófico. Um estado de vida que podemos classificar como Raulseixismo. Uma imagem bastante representativa é a famosa fotografia de Raul nos seus últimos anos de vida, acompanhado de familiares, em vésperas de eleição presidencial com a seguinte frase na camisa: “Vote Nulo. Não sustente parasitas”. Sendo assim, podemos constatar mais uma peculiaridade de Raul: apolítico. E aqui podemos revelar esse caráter individualista que Raul expressava em sua filosofia. A filosofia da Tragédia, da dor, do egoísmo. Vejamos dois versos da música *Eu sou Egoísta*:

Se você acha que tem pouca sorte
Se lhe preocupa a doença ou a morte
Se você sente receio do inferno
Do fogo eterno, de Deus, do mal
Eu sou estrela no abismo do espaço
O que eu quero é o que eu penso e o que eu faço
Onde eu tô não há bicho-papão
Eu vou sempre avante no nada infinito
Flamejando meu rock, o meu grito
Minha espada é a guitarra na mão (...)

Se você acha o que eu digo fascista
Mista, simplista ou anti-socialista
Eu admito, você tá na pista
Eu sou ista, eu sou ego
Eu sou ista, eu sou ego
Eu sou egoísta
Por que não... (SEIXAS; MOTTA, 1975, faixa 4).

Lembrando que este egoísmo não é o que aprendemos a guardar ou querer tudo para si. Na música *Carpinteiro do Universo* Raul explica que “O meu egoísmo é tão egoísta que o auge do meu egoísmo é querer ajudar...” (SEIXAS; NOVA, 1989, faixa 3).

As referências teóricas dessa pesquisa foram selecionadas de acordo com cada conceito que se pretende discutir. Como se trata de um estudo histórico voltado para a absorção das experiências de um personagem (Raul) para um aproveitamento de um macro-conhecimento (censura na ditadura militar, discussões sobre a conjuntura musical da época), fica implícito a perspectiva da micro-história formulada por Ginzburg (2006) quando o mesmo afirma que os estudos históricos estão se afastando cada vez mais das histórias dos grandes acontecimentos para a história dos personagens. Peter Burke (1992) por sua vez, abordando sobre a ligação da micro-história com a história cultural, em *A Escrita da História*, cita o *Ensaio Sobre a Micro-História* de Giovanni Levi, para demonstrar como deve ser feita a seleção dos personagens, menciona que:

Os modelos mais atraentes são aqueles que enfatizem a liberdade de escolha das pessoas comuns, suas estratégias, sua capacidade de explorar as inconsistências ou incoerências dos sistemas sociais e políticos, para encontrar brechas através das quais possam se introduzir ou frestas em que consigam sobreviver (BURKE, 1992, p. 31-32).

A figura de Raul Seixas é identificada nesses parâmetros. Enfatizar a liberdade de escolha propondo, por exemplo, a Sociedade Alternativa e explorar as inconsistências ou incoerências dos sistemas sociais e políticos muito provavelmente era o seu passatempo favorito.

Obviamente as fontes principais serão as bibliográficas, o que de imediato é necessário ter um cuidado especial. Segundo Vavy Pacheco (2003), o objeto de pesquisa deve ser visto pelo pesquisador como uma relação entre íntimos, ou, para ser mais específico, entre marido e mulher. Atento em ter que discordar desta metáfora já que acredito que as fontes bibliográficas irão proporcionar um estudo aprofundado de uma personagem histórica em particular que, logicamente, para a escolha desta personagem, o autor já deve carregar um determinado tipo de afinidade particular. Neste caso, a metáfora não cabe a situação, pois é evidente que se o objeto de pesquisa for tratado como num casamento, o pesquisador pode ficar “cego de paixão”, acabar se envolvendo em demasia e resultar num fanatismo.

Para completar esta afirmação e sem confundi-los como teóricos, já que estamos tratando de mais dois artistas, exalto versos da canção de Cartola e Carlos Cachça, *Ciência e Arte*

Os homens que escreveram tua história
Conquistaram tuas glórias
Epopéias triunfais
Quero neste pobre enredo
Reviver glorificando os homens teus
Levá-los ao panteon dos grandes imortais
Pois merecem muito mais
Não querendo levá-los ao cume da altura
Cientistas tu tens e tens cultura (CARTOLA; CACHAÇA, 1979, lado A,
faixa 4).

Pensar na música como instrumento histórico, a depender da capacidade de quem, onde, com quem e como se trabalha pode ser muito proveitoso e ao mesmo tempo perigoso. Não só na música como em toda e qualquer manifestação artística, o caráter polissêmico permite que o observador possa tirar várias conclusões diferentes. O que por um lado é um exercício de diversidade, por outro, é evidente a possibilidade de uma interpretação equivocada. Para Raul, “A História mostra que a gente agrada a Deus fazendo o que o Diabo gosta” (SEIXAS, COUTINHO, 1988, faixa 4). Sua discografia é datada de 1967, com o LP *Raulzito e Os Panteras*, a 1989, com o seu último LP gravado juntamente com Marcelo Nova, *A Panela do Diabo*. Nesse período surge “o início, o fim e o meio” da ditadura militar propriamente dita. Após o ato institucional nº 5, instrumento legal promulgado em fins de 1968 que aprofundou o caráter repressivo do Regime Militar brasileiro implantado quatro anos antes, houve uma série de perseguições a Raul, fazendo com que o mesmo fosse “convidado” a se exilar em Nova York. O que é diferente de ser exilado, como foi no caso de Caetano e Gil em Londres. Estes foram deportados depois de terem sido presos. Raul recebeu conselhos para que ele desse uma pausa naquela idéia da Sociedade Alternativa e assim foi feito depois de Raul ter lançado seu LP *Gita* em 1974. Neste, um dos álbuns mais subversivos, o que o torna mais interessante, Raul lança seus principais maiores sucessos. As *Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor* (SEIXAS, 1974, faixa 3), *Sociedade Alternativa* (SEIXAS; COELHO, 1974, faixa 7), *Medo da Chuva* (SEIXAS; COELHO, 1974, faixa 2), e para não citar todas *Prelúdio* (SEIXAS, 1974, faixa 10) que dizia em dois únicos versos: “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade.” A música/álbum *Gita* (1974) abriu as portas do sucesso e do retorno de Raul ao Brasil. Os representantes da embaixada brasileira procuraram Raul em Nova York afirmando que o CD *Gita* estourou no Brasil e que “o povo” queria a sua volta.

A essa altura já havia todo um projeto pronto para a construção de uma cidade alternativa num terreno comprado no interior de Minas Gerais e doado pela O. T. O. – *Ordo Templi Orientis*, ou Ordem dos Templários do Oriente, instituição na qual Raul, como

neófito, foi iniciado no ocultismo. Assim como a *Astrum Argentum*, ambas sociedades ocultistas ligadas a Aleister Crowley, a Cidade das Estrelas é o maior exemplo concreto de anarquia contracultural. A contracultura, como o próprio nome explicita, era uma negação das culturas que pairavam ao redor do Brasil desde a Guerra Fria: de um lado, o socialismo liderado pelo bloco da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); do outro, a cultura capitalista, resultado das revoluções comerciais lideradas pelos EUA e alguns outros países europeus.

Os jovens cansados dessa guerra, nas palavras de Gilberto Gil, desse “fogo eterno pra consumir”, aderiram a um estilo de vida diferente de tudo aquilo que vinha sendo imposto. Este novo estilo baseava-se no que ficou conhecido como Sociedade Alternativa. A juventude dessa geração nasce enquanto as bombas do final da Segunda Guerra Mundial estremeciam o velho continente europeu, em meados da década de 1940. Enquanto a cultura política do socialismo e do capitalismo era negada por esses jovens, o Brasil ainda recebia forte influência dogmática e conservadora, veiculadas pelas Igrejas cristãs da cultura ocidental: católica, majoritária no contexto brasileiro, e protestante, prevalecente no caso dos Estados Unidos.

Raul, além de propor a Sociedade Alternativa nesses “anos de chumbo”, traz em sua obra críticas diretas não só ao Regime Militar. Seu caráter póstumo deixou reflexões que até hoje perfuram o âmago do homem dito moderno nas palavras de Nietzsche. Ao homem que pensa que está contribuindo pro nosso belo quadro social, mas que não usa nem 10% da sua cabeça animal, nas de Raul! Assim como Nietzsche, e ao contrário do que a vigilância militar o acusou, Raul visava o *ubermensch* (Super-Homem), o homem que cresce no seu estado de espírito para além do homem. É a partir dessa mudança, desse crescimento individual, que ele muda o seu meio. Façamos uma comparação das idéias de Nietzsche com a canção *Sim* de Raul:

A dor é uma coisa real
Que a gente está aprendendo a abraçar
E não temer
A velha estória do mal
Tão conhecida
Que já nem pode mais nos assustar

A gente sofre
A gente luta
Pois nossa palavra é sim, sim
A gente ama
A gente odeia

Mas a nossa palavra é sim, sim (SEIXAS; AZEVEDO, 1978, faixa 8).

Quando me refiro às palavras de Nietzsche (1888) referentes ao homem dito moderno, faço alusão a esse homem que a palavra é sempre sim, “ao moderno sim e não”:

Eu não sei sair nem entrar; sou tudo aquilo que não sabe nem sair nem entrar”, suspira o homem moderno... E é dessa modernidade que padecemos – da paz apodrecida, do compromisso covarde, de toda a virtuosa imundície do moderno sim e não (NIETZSCHE, 1888, p. 38).

Sendo assim, fica implícita algumas das influências desse modo de pensar Raulseixista. Aleister Crowley, Proudhon, Nietzsche... para não citar os coadjuvantes.

Raul não tinha interesses políticos, ao contrário, tinha medo da fama, medo de ser assassinado ou coisa parecida. Um pacífico anarquista influenciado pelas leituras de Pierre-Joseph Proudhon que se tornou leitura peculiar da contracultura. Para analisarmos essa característica de pacífico anarquista de Raul, analisemos a canção *Cowboy Fora da Lei*

Mamãe não quero ser prefeito
Pode ser que eu seja eleito
E alguém pode querer me assassinar
Eu não preciso ler jornais
Mentir sozinho eu sou capaz
Não quero ir de encontro ao azar

Papai não quero provar nada
Eu já servi à pátria amada
E todo mundo cobra a minha luz
Oh, coitado, foi tão cedo
Deus me livre, eu tenho medo
Morrer dependurado numa cruz

Eu não sou besta pra tirar onde de herói
Sou vacinado, sou cowboy
Cowboy fora-da-lei
Durango Kid só existe no gibi
E quem quiser que fique aqui
Entrar prá história é com vocês (SEIXAS; AZEVEDO, 1987, faixa 2).

O desejo de ser político não faz parte da teoria anarquista, afinal, para estes, “Toda Propriedade é um roubo”. Os jovens que aderiram o movimento da contracultura não queriam o poder político, mas sim o poder individual.

Enquanto os universitários, artistas, religiosos (os mais libertários), *hippies* e simpatizantes do movimento tomavam as ruas para trazer a mensagem de paz e amor, armas

de fogo e força bruta eram utilizadas para manter a “ordem e progresso”. A vigilância, não compreendendo os ideais da famosa *Sociedade Alternativa* proposta por Raul, começou a persegui-lo e procurar cada vez mais nas suas músicas as mensagens de subversão. Nesse contexto, as discussões não se limitam única e exclusivamente ao artista Raul Seixas. A amplitude do tema permite o flerte com outros artistas como Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé, Geraldo Vandré, entre outros.

O que diferencia Raul dos demais artistas é que ele não seguiu nenhuma corrente ideológica se não a dele, a que batizou e fazia questão de ressaltar: Raulseixismo. Outro ponto crucial que o difere é a diversidade rítmica encontrada na sua discografia. Primeiramente condensando o Rock norte-americano da sua época ao baião de Luiz Gonzaga, logo depois Raul passa a compor músicas em forma de chorinhos *Chorinho inconsequente* (SAMPAIO; SANTOS, 1971, faixa 5), samba *Aos Troncos e Barrancos* (SEIXAS, 1971, faixa 9), seresta *Sessão das Dez* (SEIXAS, 1971, faixa 2), tango *Canto Para Minha Morte* (SEIXAS; COELHO, 1976, faixa 1), baião *Os números* (SEIXAS; COELHO, 1976, faixa 9), entre tantos outros ritmos que, se fôssemos fazer um levantamento completo, não faltariam ritmos nem exemplos.

Apesar do teor anarquista encontrado no Raulseixismo, a alternatividade que Raul propõe é aquela pacificamente violenta. Não fisicamente. A famosa expressão “Paz e Amor” influenciou e ainda vem influenciando a atual juventude transviada. Raul, sendo compreendido ou não, ainda é lembrado pelos jovens e alternativos de todas as idades, em qualquer manifestação em prol da liberdade, quando chamado num só grito: *Viva, viva, viva a Sociedade Alternativa*.

Referências

ALBIM, Ricardo Cravo. *Driblando a censura*. Rio de Janeiro: Griphus, 2002.

ALVES, Luciane. *Raul Seixas e o sonho da sociedade alternativa*. São Paulo: Martin Claret, 1993.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARTOLA; CACHAÇA, Carlos. Ciência e Arte. In: CARTOLA. *Cartola 70 Anos*. [S.l.]: SONYBMG/RCA, 1979. 1 LP. Lado A, faixa 4.

ESSINGER, Silvio. *O Baú do Raul Revirado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 1 CD.

GHAMA, Thildo. *Raul Seixas: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: Pen Editora, 1995.

LIMA, Luiz. *Vivendo a Sociedade Alternativa: Raul Seixas e o seu tempo*. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: entre a utopia e a massificação*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 103-126, jan/jun, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich W. *O Anticristo*. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PARANHOS, Adalberto. Sons de sins e não: a linguagem musical e a produção de sentidos. *Projeto História*, São Paulo: EDUC/FAPESP/FINEP, n. 20, p. 221-226, 2000.

PASSOS, Sylvio. *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1990.

SAMPAIO, Sérgio; SANTOS, Erivaldo. Chorinho Inconseqüente. In: SEIXAS, Raul. *Sociedade da Grã Ordem Kavernista apresenta Sessão da Dez*. Rio de Janeiro: Discos CBS, 1971. 1 LP. Faixa 5.

SENNA, Costa. *O Raulseixismo*. São Paulo: Nova Sampa, 1994.

SEIXAS, Kika; SOUZA, Tárík de. *Baú do Raul*. São Paulo: Globo, 1992.

SEIXAS, Raul. Sessão das Dez. In: _____. *Sociedade da Grã Ordem Kavernista apresenta Sessão da Dez*. Rio de Janeiro: Discos CBS, 1971. 1 LP. Faixa 2.

_____. Aos Trancos E Barrancos. In: _____. *Sociedade da Grã Ordem Kavernista apresenta Sessão da Dez*. Rio de Janeiro: Discos CBS, 1971. 1 LP. Faixa 9.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. Medo da Chuva. In: SEIXAS, Raul. *Gita*. [S.l.]: Philips/Phonogram, 1974. 1 LP. Faixa 2.

SEIXAS, Raul. As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor. In: _____. *Gita*. [S.l.]: Philips/Phonogram, 1974. 1 LP. Faixa 3.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. Sociedade Alternativa. In: SEIXAS, Raul. *Gita*. [S.l.]: Philips/Phonogram, 1974. 1 LP. Faixa 7.

SEIXAS, Raul. Prelúdio. In: _____. *Gita*. [S.l.]: Philips/Phonogram, 1974. 1 LP. Faixa 10.

SEIXAS, Raul; MOTTA, Marcelo. Eu Sou Egoísta. In: SEIXAS, Raul. *Novo Aeon*. [S.l.]: Phillips/Phonogram, 1975. 1 LP. Faixa 4.

SEIXAS, Raul; AZEVEDO, Cláudio Roberto A. de; MOTTA, Marcelo. Novo Aeon. In: SEIXAS, Raul. *Novo Aeon*. [S.l.]: Phillips/Phonogram, 1975. 1 LP. Faixa 13.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. Canto Para a Minha Morte. In: SEIXAS, Raul. *Há 10 mil anos atrás*. [S.l.]: Philips/Phonogram, 1976. 1 LP. Faixa 1.

_____. Os Números. In: SEIXAS, Raul. *Há 10 mil anos atrás*. [S.l.]: Philips/Phonogram, 1976. 1 LP. Faixa 9.

SEIXAS, Raul; AZEVEDO, Cláudia Roberto A. de. Tapanacara. In: SEIXAS, Raul. *O dia em que a Terra parou*. [S.l.]: Warner Chappell, 1977. 1 LP. Faixa 1.

_____. Sim. In: SEIXAS, Raul. *O dia em que a Terra parou*. [S.l.]: Warner Chappell, 1977. 1 LP. Faixa 8.

_____. Que Luz é essa?. In: SEIXAS, Raul. *O dia em que a Terra parou*. [S.l.]: Warner Chappell, 1977. 1 LP. Faixa 9.

_____. Cowboy fora da lei. In: SEIXAS, Raul. *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* [S.l.]: Copacabana/Peer Music, 1987. 1 LP. Faixa 2.

SEIXAS, Raul; COUTINHO, Lena. In: SEIXAS, Raul. *A Pedra do Gênesis*. [S.l.]: Copacabana/Peer Music, 1988. 1 LP. Faixa 4.

SEIXAS, Raul; NOVA, Marcelo. Carpinteiro do Universo. In: _____. *A Panela do diabo*. [S.l.]: Warner Chappell, 1989. 1 LP. Faixa 3.

SEIXAS, Raul. *As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor*. Rio de Janeiro: Shogun Arte, 1983.

SOUZA, Isaac Soares de. *Raul Seixas: o metamorfônico*. Bariri: Coletta Gráfica e Editora, 1995.

VELOSO, Caetano. Odara. In: VELOSO, Caetano. *Bicho*. [S.l.]: Polygram, 1977. 1 LP. Faixa 1.

_____. Boa palavra sobre a música popular. In: CAMPOS, Augusto de. *Balanço da Bossa*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. Rock'n'Raul. In: VELOSO, Caetano. *Noites do Norte*. Salvador; São Paulo: Universal, 2001. 1 DVD. Faixa 15.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.